



DESEJO E PRAZER: A FEMINILIDADE E O GOZO À LUZ DA PSICANÁLISE

Sílvio Tony Santos de Oliveira

(Universidade Federal da Paraíba; E-mail: <silviophoenix@hotmail.com>.)

Juliana Andréa Cirino da Silva

(Universidade Federal da Paraíba; E-mail: <julianletras2014@gmail.com>.)

Hermano de França Rodrigues

(Universidade Federal da Paraíba; E-mail: <hermanorgs@gmail.com>.)

A sexualidade feminina e a construção histórico-cultural da sociedade apresentam imbricações indissociáveis e que versam sobre o olhar social a respeito da mulher e suas mais variantes performances quanto ao lugar ocupado por esta nos contextos sócio históricos de cada época. Se, na pré-história, com as sociedades primitivas e seus cultos à natureza temos o feminino sendo o centro da organização social através da relação entre fecundidade feminina e fertilidade da terra, ou seja, o auge do matriarcado, a partir da decadência deste, e a emergência do patriarcado, a figura feminina mimetiza os mais inimagináveis e antagônicos papéis, que, em suma, representam as mais variadas ideologias e visões sociais acerca da mulher e sua sexualidade. Nas culturas helênica e romana, berço e referência da sociedade ocidental, o ser feminino é caracterizado por um extremismo: ora, visto de forma valorizada nas deusas das mitologias, como por exemplo, na beleza da deusa do amor *Afrodite* e, na sua versão na mitologia romana a deusa *Vênus*, ora como um ser possuído de um corpo que apenas é um meio da satisfação para a figura masculina ou, também, forma de manter as relações de poder / política através de laços ou junções carnis consanguíneos. Já na Idade Média e o feudalismo, o feminino vagueia entre o sobrenatural e metafísico condenável, que ganha singular plasticidade nas imagens das bruxas, como também, encontra resquício na mulher silenciada em seus desejos e submissa aos valores culturais e, principalmente, religiosos. Contexto em que o corpo feminino e vivência de sua sexualidade, transbordada os limites da procriação, são vistos como sinônimo do pecado e verdadeiras metáforas do diabo. É com Sigmund Freud (1856- 1939), no século XIX, através do estudo da histeria, que esse sufocamento secular das mulheres e, sua sexualidade acha um meio de vazão. A partir do pai da psicanálise, o feminino e sua forma de atingir a feminilidade são colocados como objetos científicos de estudo. Se com Freud a Psicanálise inicia sua trajetória de descrever o caminho da conquista da feminilidade, é com Jacques Lacan (1901- 1981) que temos uma teorização sobre a sexuação do ser humano, mais especificamente da figura feminina. O presente trabalho tem por objetivo desenvolver reflexões de caráter teórico metodológico sobre a sexualidade feminina à luz da Psicanálise. Para tanto, recorreremos aos trabalhos de Freud, por seu caráter primogênito no campo do estudo da sexualidade humana, como também recorreremos às discussões teóricas de Lacan, haja vista a primazia de sua conceitualização e formulações teóricas sobre o gozo feminino.

Palavras-chave: Feminino; Sexualidade; Psicanálise.

1. Introdução

É inegável, primordialmente, as relações indissociáveis estabelecidas entre o feminino e o surgimento da Psicanálise como ciência. A partir de uma reciprocidade inigualável entre as históricas vitorianas do século XIX e Sigmund Freud (1856), a psicanálise se afirma no seu caráter científico. Entretanto, aquelas que ajudaram na gênese da ciência psicanalítica são



consideradas detentora de enigmas indecifráveis, como bem afirma o aforismo freudiano: “o que quer uma mulher?”. Nessa perspectiva de trilharmos os caminhos enigmáticos do feminino, buscamos um entendimento maior sobre a feminilidade, continuamos a observar, sob outro ponto teórico, a visão de Jacques Marie Émile Lacan (1901 – 1981). Em virtude de sua releitura dos pressupostos freudianos acerca da subjetividade humana atrelada a sexualidade, damos preferência a teoria do referido autor. Inicialmente, Lacan faz uma releitura da obra freudiana e retoma alguns conceitos e pressupostos teóricos para reformulação. Se, para Freud, a castração e o Édipo eram considerados como formas de interdição ao gozo, em Lacan eles se tornam o ponto de partida para a discussão. Aliás, cabem-nos algumas definições que caracterizam os pressupostos lacanianos. O referido autor define a sexualidade não pela primazia da formação genital, mas sim pelo gozo. É o gozo que determinará uma posição sexual baseada na masculinidade ou na feminilidade. O presente trabalho, alicerçado nos pressupostos psicanalíticos lacanianos sobre o conceito de gozo na sexualidade humana, buscar realizar o estudo da estruturação teórica e metodológica do conceito do gozo feminino. Ainda, parece-nos viável, refletirmos sobre outros questionamentos que circunscrevem esse estudo: investigar as consequências de uma duplicidade de gozos no feminino, bem como, analisar a estruturação e as possíveis relações estabelecidas entre os gozos fálico e gozo Outro.

2- Metodologia

Nossa pesquisa caracteriza-se por um viés de pesquisa bibliográfica e estudo das teorias psicanalíticas que se debruçam sobre o fenômeno da feminilidade. Tais pressupostos dispõem-se sob a perspectiva freudiana, assim, discutindo o desenvolvimento psicosssexual da mulher. Parece-nos indispensável um estudo e a consequente aplicação dos pressupostos teóricos freudianos acerca da sexualidade, uma vez que, nestes temos referências e discussões que se debruçam sobre o processo de conquista da feminilidade pela mulher.

Assim, seguindo os “caminhos” teóricos trilhados pelo psicanalista vienense, buscamos não definir o ser feminino em uma categoria fechada, delimitada, mas seu percurso, deveras repleto de enigmas, na busca de uma sexualidade heterossexual. Por seguinte, é salutar refletir, a releitura lacanianiana realizada sobre os pressupostos freudianos da sexualidade humana. É partindo dos conceitos de Édipo e principalmente castração que Lacan desenvolve sua teoria de distinção ou diferenciação das posições sexuais assumidas pelos seres humanos,

ou seja, a diferenciação dos gozos.

3- A sexualidade feminina à luz da teoria freudiana.

Inicialmente, parece-nos pertinente realizarmos uma reflexão acerca do campo de atuação da teoria freudiana no que, compete à sexualidade feminina: existe uma teoria do que é ser uma mulher? Ou uma teoria de se entender como se chega a ser uma mulher? Para início de reflexão, é salutar lembrarmos que a psicanálise procurar investigar o subjetivo, aquilo que não se deixa ser testado empiricamente. E, se existe algo que não se deixa categorizar, conceituar ou se limitar é a feminilidade. Como bem afirma André (1998), a Psicanálise é um campo que não diz tudo, que não se pode ter acesso ao todo. E se existe um objeto que não se deixa definir no campo psicanalítico esse é a mulher. "Invadindo" o espaço freudiano, aqui, e tomando emprestado uma expressão lacaniana, a mulher é "não-toda" desvendável.

O próprio Freud reconhece a incompletude de seus pressupostos teóricos, no tocante ao feminino, ao utilizar-se da metáfora do "continente obscuro". A mulher não se deixa investigar em seu total. O desejo feminino também está no campo do desconhecido. O próprio Freud admite essa incapacidade da psicanálise em desvendá-lo ao se questionar: "o que quer uma mulher?". Na realidade, a teoria freudiana não se arrisca a definir a mulher, mas tentar compreender como um ser bissexual, fato de grande importância que destrincharemos, mais à frente, torna-se uma mulher? Logo, como se tornar uma mulher prevalece sobre o que é uma mulher no campo psicanalítico.

Uma das características marcantes da obra freudiana é a formulação e, posterior, reformulação de seus conceitos. Sendo essa característica uma das razões de sua complexidade quanto ao entendimento. Entretanto, nessa pesquisa, para fins didáticos e para prestigiarmos nosso objeto de estudo, não seguiremos a ordem cronológica das publicações dos trabalhos, mas uma ordem de desenvolvimento do ser feminino. Até porque, se o nosso objetivo é a discussão da feminilidade e sua formação no indivíduo, parece-nos preponderante acompanharmos desde o seu início ou surgimento até uma possível consolidação. Desta maneira, daremos primazia à evolução do objeto e não da teoria que o estuda.

Pré -Édipo:



Essa é uma fase um tanto problemática da teoria freudiana. Sua postulação não foi feita de início. Acreditava-se que o ponto de partida da sexualidade feminina no que tange a estímulos sexuais estaria totalmente centrado no Édipo. Como o próprio Freud postulou no seu “*O declínio do complexo de Édipo (1924)*”. Freud, neste trabalho, afirma que os desejos incestuosos com a figura paterna são os primeiros, após a fase fálica e descobrimento da castração. Seria pelo complexo de Édipo e pela figura paterna que a menina poderia assumir sua feminilidade. “Enquanto que o complexo de castração marca o declínio do complexo de Édipo no menino, é, ao contrário, o promotor dos desejos edipianos na menina” (FREUD *Apud* SMIRGEL, 1988).

Em *Algumas Consequências Psíquicas da diferença Anatômica entre os Sexos (1925)* Freud segue suas reflexões acerca do feminino. Entre outros aspectos, são discutidos conceitos como o complexo de castração e o Édipo e a forma como ambos ocorrem no menino e na menina. Destacou um aspecto importante: a primazia da relação da menina com sua mãe, antes do Édipo paternal. A criança é o falo (pênis) que faz completar o vazio de significante que a mãe possui. Essa relação se mostra sadomasoquista. A criança está no desejo do seu Outro (a mãe). Sobre essa relação mãe / criança. Maria Escolástica nos relata que:

Segundo a teoria psicanalítica, o ser humano nasce em profundo desamparo, e isto que nos primeiros meses de vida o deixam em franca inferioridade em relação aos filhotes de qualquer animal, é qualitativamente superado no final do primeiro ano, assim que ele se depara com sua imagem no espelho do olhar materno (ou de um Outro significante); esta imagem tem a dupla função de torná-lo o outro de si mesmo e, ao mesmo tempo, torná-lo reconhecido. (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 136).

Essa relação inicial se caracteriza pelo seu alto grau de psicose. Esses dois seres estão entrelaçados em seus desejos. A criança é o gozo da mãe e o inverso se mostra verdadeiro. Entretanto, esse gozo não tem apenas a função de satisfação ou de êxtase, mas de morte. O gozo da mãe colocando a criança como seu falo é envolto em carinhos e cuidados, mas também esconde seu carácter destrutivo do Outro (criança). Mas em que sentido? Caso essa relação não seja castra, caso não seja interrompida, tanto o desejo da mãe no falo paterno não será restaurado, como também, essa criança não será capaz de buscar, conseguir seu equilíbrio de significante seja menino pelo falo, logo, virilidade, masculinidade, seja menina pela falta do falo. Será no reconhecimento da falta do significante fálico e na aceitação dessa falta que a



figura feminina desabrocha. Sendo assim, ao se queixar da mãe pela sua falta de pênis, supomos que existiria uma relação de cumplicidade, de troca entre genitora e filha. A teoria freudiana ainda afirma que a menina teria uma dupla mudança de objeto amoroso, que seria a mãe trocada pelo pai. Fato esse que, mais uma vez, destaca essa pré-relação com a figura materna.

Os fatos do pré-Édipo são resistentes aos domínios do conhecimento psicanalítico. Sendo discutidos com maior precisão em obras posteriores. Uma delas foi *Sexualidade Feminina* (1932). Esse estudo tem um objetivo que nos parece central discutir: a relação da criança com a mãe no pré-Édipo. “Durante a fase de ligação com a mãe (Édipo negativo), o pai é considerado como um rival pela menina, ainda que não lhe dispense a hostilidade que o menino. De resto, não há paralelismo entre o Édipo feminino e o Édipo masculino” (FREUD *apud* SMIRGEL, 1988, p.16).

Com base no exposto acima, podemos afirmar que essa relação com a mãe apresenta um caráter de busca pela reintegração daquilo que falta à criança. E falta não somente à criança, mas também à mãe (como veremos adiante). Outro ponto importante a ser ressaltado é a questão do primeiro indício da bissexualidade feminina.

A castração feminina

Discutir a sexualidade feminina à luz do fenômeno da castração, como ocorre no sexo oposto, apresenta-se tão inviável quanto tentar atribuir ao feminino um significante que estaria na instância da linguagem. Essa inviabilidade está relacionada diretamente a não submissão da figura feminina à castração. Se por um lado, o menino se utiliza de forma inconsciente do complexo de castração para atingir e assumir a masculinidade, a menina não necessita diretamente desse complexo para se identificar diferente do sexo oposto, nem tampouco assumir a feminilidade. Smirgel (1988) fazendo referências ao trabalho freudiano intitulado *Algumas consequências psíquicas da indiferença anatômica entre os sexos* (1952), afirma que:

O momento crucial para a evolução da menina residirá na descoberta, em um irmão ou companheiro de brincadeiras, de um órgão sexual superior ao seu. Enquanto o menino reagirá à visão dos órgãos sexuais da menina primeiramente com indiferença, sentindo-se muito perturbado com isso somente mais tarde, quando tiver estabelecido uma relação entre as ameaças de castração que lhe são feitas e a visão do sexo feminino, da qual se desviará então com “horror” ou com um “menosprezo triunfante”, a menina, de relance, “o viu, sabe que é desprovida dele e quer tê-lo.” (SMIRGEL, 1988, p. 15).



As palavras de Smirgel nos fazem desenvolver algumas reflexões sobre a castração com relação ao feminino na teoria freudiana. Inicialmente, observamos que a castração na menina não se processa da mesma maneira que ocorre nos meninos. Aliás, cabe-nos até um questionamento: a castração se efetiva nas meninas? Obviamente, não com todas suas características como ocorre nos meninos, assim, o garoto necessita observar as genitálias femininas para se firmar como superior ao sexo oposto quanto a possuir o pênis. Ele tem algo que o representa à masculinidade, mas precisa observar o órgão feminino para alimentar uma autoestima que se caracteriza por uma superioridade. Sendo assim, como bem afirma Freud, as diferenças anatômicas entre o masculino e o feminino não são suficientes para o indivíduo assumir uma posição de masculinidade ou de feminilidade.

De acordo com o psicanalista:

As modalidades da descoberta dessa insuficiência se encontram invertidas, segundo o sexo, não tanto devido ao trauma anatômico quanto em função da posição que é atribuída a cada um pelo discurso do Outro, Eis porque certos homens vão se alinhar do lado da mulher, e certas mulheres do lado do homem, sem que levem mais em consideração as realidades do organismo. (POMMIER, 1987, p. 18).

“O ingresso na problemática da castração ocorre para ambos, mas não ao mesmo nível. A anatomia não suscita o mesmo tipo de resposta num e noutro; eles refutam a diferença demonstrada por ela, cada um ao seu modo” (ANDRÉ, 1998, pag.173). O feminino não tem o mesmo procedimento diante da castração. A menina sabe que não possui o pênis. A observação do órgão masculino apenas traz a certeza que precisa do mesmo e, deseja ter o pênis. Lembremo-nos, portanto, o amor incestuoso com a mãe consiste em desejar uma mãe fálica. “A identificação ao falo é essa operação que faz da mãe uma mulher fálica. Não leva absolutamente em conta, nesse primeiro movimento, a diferença anatômica entre os sexos” (POMMIER, 1987, p. 19).

Dentre os aspectos aqui abordados, podemos ressaltar que a castração não acontece da mesma forma na sexualidade masculina e feminina. A castração no menino existe a partir da ameaça de uma possível mutilação da genitália. A castração no âmbito do feminino não se apresenta como uma ameaça de mutilação que pode ser consumada, mas “a menina, esta já compreendeu tudo à primeira vista: ‘ela viu aquilo, sabe que não o tem e quer tê-lo’”, escreve Freud. (ANDRÉ, 1998, p. 173). O feminino, por falta de seu significante, apoia-se na busca



do significativo masculino (falo) para conseguir um equilíbrio no tocante a sua identificação.

Édipo positivo

A castração intensifica, na mulher, a busca por algo que lhe traga uma representatividade do seu sexo, ou seja, o falo. O Édipo, nesse caso, configura-se como mais um caminho a percorrer em busca desse significativo, que falta no feminino. Em *O declínio do complexo de Édipo (1924)*, Freud desenvolve algumas questões sobre a entrada e saída do Édipo pelos dois sexos. Segundo ele, enquanto que o menino relaciona seus desejos incestuosos junto à mãe com uma possível perda do pênis, na menina o processo aparenta ser mais complexo. Essa complexidade será mais bem discutida, posteriormente, em *sexualidade feminina (1931)* e retomada em *Feminilidade (1932)*.

Nesses trabalhos a discussão sobre o Édipo feminino é mais precisa: castração faz com que a depreciação por ser castra ocorra tanto em relação à mãe como em relação a si mesma. Esse é um momento de grande humilhação para a menina, pois ela se sente traída pela mãe duas vezes: por tê-la seduzido como mulher fálica e por esta mesma mulher não lhe “aparelhar” da forma correta. Desta forma, a menina deixa a figura materna e se volta ao pai, tocada pelo desejo amoroso. Esse fato nos leva a, mais uma vez, ressaltar a natureza bissexual da mulher, antes o envolvimento era com a mãe, agora é com o pai, como também a evolução na conquista da feminilidade.

Inicialmente, a relação da filha com o pai é o desejo pelo pênis deste. Entretanto, vendo-se impossibilitada dessa conquista, a menina aceita a substituição do pênis por um filho do pai. A libido da menina se volta agora – ao longo do que só se pode chamar de uma equação simbólica: pênis = filho – até uma nova posição. Ela renuncia ao desejo do pênis para substituí-lo pelo de um filho e, esse desígnio, toma o pai como objeto de amor. (ANDRÉ, 1998, p. 178). Nesse momento, a mãe se torna uma ‘rival’ da qual a menina alimenta o ciúme e, conseqüentemente, a disputa pela figura paterna. Segundo Freud, são fatores externos ao ser que interferem na separação do pai. A educação, valores morais e culturais e o medo de deixar de ser amada fazem com que ela abra mão da figura paterna.

“Ao mesmo tempo em que reconhece a existência do superego na menina, Freud acredita que esse, devido à existência de temores de castração, seja bem mais difícil de se formar” (SMIRGEL, 1988, p. 14). A teoria freudiana busca seguir a menina na busca da feminilidade, entretanto ela não se estende a vida sexual da mulher. Esse caminho mais “obscuro” é a tentativa de Jacques Lacan. Ele busca discutir a feminilidade na mulher já constituída como tal, entretanto a figura mulher continua desconhecida, assim como seus



desejos, como veremos nas próximas páginas. Mas afinal... o que quer uma mulher?

4- O enigma feminino à luz lacaniana.

Em busca de um entendimento maior sobre a feminilidade, continuamos a observar este fenômeno sob outro ponto teórico: a visão de Jacques Marie Émile Lacan (1901 – 1981)¹. Em virtude de sua releitura dos pressupostos freudianos acerca da subjetividade humana, atrelada à sexualidade, demos preferência à teoria do referido autor. Inicialmente, Lacan faz uma releitura da obra freudiana e retoma alguns conceitos e pressupostos teóricos para reformulação. Se, para Freud, a castração e o Édipo eram considerados como formas de interdição ao gozo, em Lacan eles se tornam o ponto de partida para a discussão. Aliás, cabem-nos algumas definições que caracterizam os pressupostos lacanianos. O referido autor define a sexualidade não pela primazia da formação genital, mas sim pelo gozo. É o gozo que determinará uma posição sexual baseada na masculinidade ou na feminilidade.

Outra reflexão possível é o uso do termo gozo que difere do usado por Freud. O gozo em Lacan, tem o sentido de uso, de fazer uso de algo, do objeto a ser gozado, entretanto esse “usar” existe um limite, tem um interdito. “A noção de usufruto, por exemplo – que reúne o uso e o fruto – significa que se pode usar de um bem apenas até certo ponto: pode-se comer o produto, os juros, mas não o capital” (ANDRÉ,1998, p. 211). O gozo se estabelece dessa forma como o usar algo, usufruir de algo como no sentido jurídico. Se em Freud existia uma oposição marcada pela anatomia dos sexos, em Lacan temos essa oposição marcada pela posição ocupada pelo indivíduo, conforme sua maneira de gozar, sendo todo fálico (homem) e “não-todo” (mulher).

Parece-nos viável estabelecer uma reflexão a respeito do uso do termo gozo dentro das concepções lacanianas. O gozo em Lacan, tem o sentido de uso, de fazer uso de algo, do objeto a ser gozado, entretanto esse “usar” existe um limite, tem um interdito. “A noção de usufruto, por exemplo – que reúne o uso e o fruto – significa que se pode usar de um bem apenas até certo ponto: pode-se comer o produto, os juros, mas não o capital” (ANDRÉ,1998, p. 211). O gozo se estabelece dessa forma como o usar algo, usufruir de algo como no sentido jurídico. Se em Freud existia uma oposição marcada pela anatomia dos sexos, em Lacan temos essa oposição marcada pela posição ocupada pelo indivíduo, conforme sua maneira de gozar, sendo todo fálico (homem) e não-todo (mulher).

¹ Filósofo e psicanalista francês. Suas ideias de fundo estruturalista abalaram o cenário psicanalítico da França a partir de 1960.



A figura feminina não se submete por completo ao poder do significante, lembremos que o Édipo e, principalmente, a castração não se estabelecem da mesma maneira no menino e na menina segundo Freud. Ela é resistente e mantém seu mistério em volto do véu dessa resistência. Ao mesmo tempo em que, está sobre o poder do falo, ela “foge” metaforicamente como água entre os dedos. Não existe “A mulher” conceito ou conjunto fechado do feminino, mas “uma mulher”. E como bem diz Lacan, “elas devem ser contadas uma a uma”. Nós podemos ainda acrescentar mais ao pensamento lacaniano: o feminino deve ser visto sob os diversos papéis ou formas que assume. Ora, a prostituta, a senhora distinta, a menina inocente do colegial, a freira, a virgem. Todas são modelos de mulheres, mas não o modelo da mulher. O feminino, neste sentido, assume diversos papéis. Todos esses citados são modelos em particular de representações do feminino, mas não um modelo único e engessado em sua categorização.

Desses postulados teóricos, podemos observar que acarreta em uma divisão de gozos. O homem terá acesso ao gozo fálico, gozo sexual. Esse gozo é preso ao significante. Está sob o domínio do falo. A mulher assumirá dois tipos de gozos: o fálico e o gozo Outro, como Lacan, assim, o nomeia. Desta forma, observamos que do ponto de vista dos posicionamentos sexuais: masculino e feminino, o significante faz uma cisão entre dois gozos e, mais especificamente, na mulher uma bipartição de gozos. Ela tem o gozo fálico, ou seja, o acesso ao gozo do parceiro, e o gozo Outro, exclusivamente seu e que o parceiro jamais terá acesso.

Lacan aponta que a linguagem é um aparelho do gozo e que apenas o gozo masculino estaria no campo da linguagem, ou seja, poderia ser dito algo sobre ele. Esse gozo fálico ou sexual poderia ser descrito. Seria um gozo fora do corpo, logo externo, ligado apenas por um “fio condutor” que seria o pênis. O gozo Outro, por sua vez, foge do significante e, conseqüentemente, da linguagem. Nada pode ser dito sobre ele. Não pode ser descrito nem ao menos mensurado. Apenas sentido e exclusivamente pela mulher. Esse gozo Outro beira o desconhecido e o inalcançável. Metaforizando com o mito grego dos campos Elísios, o gozo feminino estaria além do mundo dos mortos, o submundo governado por *Hades*, local ao qual eram enviados os humanos após a morte, o gozo masculino estaria situado aqui. Os Elísios, por sua vez, corresponderiam ao gozo feminino. Ele estaria além do submundo e de suas delimitações. Aos Elísios, apenas os Deuses teriam acesso, logo apenas as mulheres teriam acesso a tal “primícia divina”, assim, tornando-se impossível seu acesso.

André (1998) faz uma releitura de Lacan sobre o significante fálico e sua relação com os gozos que definem a sexuação dos seres. A primeira reflexão seria sobre a interdição



imposta pelo significante no que diz respeito ao gozo Outro. O símbolo fálico delimita o limite do gozo que está sob seu domínio e sob a descrição da linguagem. Sendo assim, é por causa desse assujeitamento ao falo que a figura masculina não tem acesso ao gozo do ser. Contudo é a partir dessa interdição que podemos especular, podemos deslumbrar algo que está além do caráter fálico. Ou seja, é a partir do fálico e sua interdição que podemos conceber o gozo.

Lacan justifica que isso é possível, uma vez que, não é o ser que precede a linguagem e o significante, entretanto, a lógica é invertida, é o significante e a linguagem que “moldam” o ser a sua maneira. Sendo assim, apenas podemos pensar em um gozo do ser a partir do gozo fálico. André busca justamente no questionamento e na especulação, meios típicos para deslumbrarmos o gozo do ser, a relação entre a interdição fálica e o gozo Outro. Vejamos como o referido autor se posiciona:

Afinal, não é uma propriedade fundamental do significante – na medida em que ele é corte, delimitação de um bordo – evocar outra coisa além do que ele diz e produzir assim, literalmente, seu mais-além? Não é uma propriedade essencial do significante do falo – que, na língua, designa os efeitos do significado – encobrir, e, por conseguinte, fazer crer num mais- além do véu encobridor, numa presença oculta da ordem do ser? (ANDRÉ,1998, p. 224).

A mulher é o ser envolto no mistério do desconhecido. Sobre ela as regras e as categorizações não surtem efeito e não surtem muito por causa de sua falta de significante que a simbolize. Entretanto, é justamente nessa falta que a mulher se estabelece. É, na falta do semblante que se constitui como ser de um modelo feminino “fechado”, no qual a feminilidade e, com efeito, o gozo Outro se constitui. Pommier (1987) afirma que essa exclusão de um significante, resultante de uma castração, provoca uma perda de gozo, todavia essa perda de gozo gera o desejo feminino.

Definidas algumas questões acerca do gozo fálico ou sexual, vejamos as preposições sobre o gozo do ser ou gozo Outro. Como já explicitado a mulher apresenta um gozo que está fora da linguagem. “Deste gozo outro que não o fálico; nada se sabe. Só se pode, então, supô-lo. Algumas mulheres – não todas – dizem, com efeito, tê-lo, experimentado, e algumas místicas, através de seus testemunhos, nos têm sugerido que haveria um gozo para-além do gozo fálico” (ANDRÉ, 1998, p.222).

O psicanalista francês Patrik Valas, sobre o gozo fálico; gozo Outro e a relação que estabelecem com o feminino, diz que: “o gozo fálico,



do qual ela não é privada constitui o limiar, a porta de acesso para o seu outro gozo - ao contrário do homem, para quem o gozo fálico é fechamento, obstáculo a que ele possa gozar de outra forma com uma mulher, pois aquilo de que ele goza é o gozo do órgão.” (VALAS, 2001, p. 88).

O gozo Outro também é chamado por Lacan de gozo do corpo. E não teria definição melhor a nosso ver. Se o homem é, apenas movido pelo gozo sexual, à mulher por sua vez vai além. O gozo feminino não tem caráter de completude do gozo masculino, mas de suplementar. Sendo assim, a mulher tem acesso ao gozo do parceiro, mas ele não tem noção, muito menos acesso ao gozo do corpo. A mulher, mais uma vez, através do seu gozo evoca uma posição bissexual já vista em Freud. A figura feminina goza do que o seu parceiro lhe oferece: o prazer fálico, todavia ela vai além do falo e goza de si mesma. A mulher para atingir seu equilíbrio sexual ou sua feminilidade tem duas saídas: ou pela maternidade, essa menos duradoura, ou por ser possuída por um homem eleito por ela.

A figura feminina possui a necessidade de se fazer ou se reconhecer sendo de um homem. Claro, também, podemos citar a referência em outro corpo feminino, daí o chavão popular que “a mulher se arruma para outra mulher e não para um homem”, mas essa saída estaria mais, a nosso ver, no campo da referência ou da identificação e não em algo mais estável como possuir a feminilidade em sentido mais estável. A mulher através do seu gozo do Outro, através do seu corpo como desejo do homem, consegue sua feminilidade. Sobre esse gozo místico, também identificado por Lacan, André nos ensina que:

O gozo do Outro é designado aí como um gozo para-sexuado, fora-da-linguagem, que suporta o ser ou o corpo como tal, quer dizer, como vivo, não como morto. Deste, não temos idéia alguma, pois ele escapa ao domínio do significante: só podemos supô-lo, seja porque o imaginamos ao contemplar o espetáculo que nos é oferecido por alguns animais, deseja porque o deduzimos logicamente do furo de alguns discursos, como os psicóticos ou o de alguns místicos (ANDRÉ, 1998, p. 216).

O gozo suplementar é um véu que encobre o semblante feminino. É um gozo interno, gozo do corpo. É o que vemos no quadro das equações quânticas do lado direito inferior. A insuficiência ou vazio de significante feminino que resulta em uma falta de modelo ou de categoria única de mulher faz com que não exista a relação sexual. “Lacan chega mesmo a propor que o ato sexual não passa de um mal-entendido com relação ao gozo” (ANDRÉ, 1998, p. 231). Desta forma os caminhos indecifráveis da feminilidade continuam obscuros



sob a bruma do desconhecido, que se estabelece a partir da exceção da vivência do Édipo e da castração e que ganha representatividade na existência do gozo Outro: gozo enigmático.

5- Conclusões

Ao final desse percurso teórico-metodológico, evidenciamos o caráter de um bi-gozo atribuído ao feminino. Se por um lado a mulher se apresenta detentora de um gozo fálico, que se encontra sob o véu do significante, e que está, também, presente na masculinidade. Em contrapartida, a feminilidade é constituída, em sua essência enigmática, por um gozo do qual não se pode dizer nada. Esse gozo do corpo está para além dos limites impostos pela linguagem através do significante fálico.

Essa duplicidade de gozos estabelece imbricações com a bissexualidade atribuída ao feminino desde os primórdios de sua sexualidade infantil. Esse gozo não se apresenta como complementar, mas suplementar ao gozo fálico masculino. Se a psicanálise, em sua origem como ciência, não ousou decifrar os mistérios que evidenciam o que seria o feminino, a sua sexualidade, quanto ao gozo, também assume um enigmático que não se pode desvendar em sua totalidade. Logo, a mulher é não-toda.

6- Referências Bibliográficas

- ANDRÉ, Jacques. As origens femininas da sexualidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1996.
- ANDRÉ, Serge. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1998
- ESCOLÁSTICA, Maria. O Gozo Feminino. São Paulo, Iluminuras LTDA, 1995
- POMMIER, Gérard. A Exceção Feminina, os impasses do gozo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1987.
- SMIRGEL, Janine Chasseguet. A sexualidade feminina, Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
- VALAS, Patrick. As dimensões do Gozo, do mito da pulsão à deriva do gozo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.